

O espaço agônico em William Faulkner e Francisco Dantas

The Agonic Space in William Faulkner and Francisco Dantas

Joseana Souza da Fonsêca

Universidade Federal de Sergipe (UFS) |
São Cristóvão | SE | BR
joseanasouzafonseca@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6430-0465>

Carlos Magno Santos Gomes

Universidade Federal de Sergipe (UFS) |
São Cristóvão | SE | BR
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq) | Brasília |
DF | BR
calmag@bol.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9070-9010>

Resumo: Este artigo compara a construção do espaço literário entre *Enquanto agonizo* (1930), de William C. Faulkner, e *Uma Jornada como tantas* (2019), de Francisco J. C. Dantas, comentando os contornos sociais e estéticos do espaço literário a partir de reflexões sobre as agônicas experiências de personagens em trânsito para a morte. Congregamos, neste estudo, abordagens teórico-metodológicas que perpassam conceitos sobre espaço narrativo, valendo-nos do pensamento de Lins (1976), Borges Filho (2007), Brandão (2019) e Dardel (2015), entre outros. Chegamos aos resultados que as personagens de Faulkner e de Dantas são índices de um espaço agônico, do qual emergem homens e mulheres perdidos em devaneios e lamentos de uma vida subjugada as mais distintas formas de opressão.

Palavras-chave: espaço literário; espaço agônico; Francisco Dantas; William Faulkner.

Abstract: This article compares the construction of literary space between *As I lay dying* (1930), by William C. Faulkner, and *Uma jornada como tantas* (2019), by Francisco J. C. Dantas, commenting about the social and aesthetic peculiarities of the space based on reflections of the agonic experiences of characters in transit to death. In this study, we bring theoretical-methodological approaches that permeate concepts about narrative space, according to Lins' thoughts (1976), Borges Filho's (2007), Brandão's (2019) and Dardel's (2015) thoughts, among others. We arrive to the results that Faulkner's and Dantas' characters are indication of an agonic space,



where emerge men and women lost in reveries and laments of a life subject to various ways of oppression.

Keywords: literary space; agonic space; Francisco Dantas; William Faulkner.

Este artigo investiga como o espaço agônico está representado na obra *Enquanto agonizo* ([1930]2019), de William Faulkner e em *Uma jornada como tantas* (2019), de Francisco Dantas. A proposta é um estudo comparado de como Dantas constrói o espaço literário de seus textos em diálogo com as premissas estéticas encontradas na obra de Faulkner. O estudo reconhece que o segundo texto nos possibilita a retomada do anterior a partir de um novo olhar que amplia as possibilidades de recepção literária, visto que “ao lermos um texto, estamos lendo, através dele [...] sobretudo, os textos que ele leu” (Carvalho, 2006, p. 55). Com essa proposição da recepção de Faulkner a partir das trilhas literárias de Dantas, traçamos um percurso que se envereda pelas decadentes terras do condado de Yoknapatawpha, no Mississippi, no Sudeste estadunidense, e as tragédias ocorridas no Rio-das-Paridas, em Sergipe, no Nordeste brasileiro.

Por meio dessas aproximações, identificamos imagens do espaço literário agônico de Faulkner que são retomadas por Dantas através das particularidades locais. Para Ivan Angelo (1997, p. 129): “É em Dantas que vêm expressas a nostalgia de um Faulkner e a sonoridade de Guimarães Rosa”. Por sua vez, Valentim Faccioli (1997, p. 4), logo após a publicação do romance *Cartilha do silêncio* (1997), ratifica que a literatura de Dantas traz ecos das obras de “William Faulkner”. Hélio Pólvora (1997, p. 8) também corrobora com essas comparações ao reconhecer que Dantas, em “*Cartilha do silêncio*, retoma os movimentos assíncronos da narrativa, à maneira de William Faulkner, em *O som e a fúria* (1929)”. Tais pistas, nos motivaram a escrever este estudo traçando os pontos em comum entre o espaço agônico do Mississippi de Faulkner e o espaço decadente das terras sergipanas das narrativas de Dantas.

Na literatura brasileira, Graciliano Ramos, em *Vidas secas* (1938), Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* (1956), e Raduan Nassar, em *Lavoura arcaica* (1975), para citar alguns textos, rompem com a estratégia comum de tessitura do espaço literário e constroem um espaço que além de cenário, muitas vezes, torna-se elemento personificado, atuando como papel de destaque na trama. Nessas circunstâncias, o espaço não se configura apenas como o lugar físico onde o enredo se desenvolve, há todo um investimento estético complexo via descrições minuciosas das características físicas, geográficas, simbólicas e sentimentais do referente locativo, assemelhando-se às configurações humanas representadas nas obras. O espaço, dessa forma, atua ainda como uma âncora moral das personagens, como um ponto de apoio que estabelece a ligação intrínseca entre ser/espaço e molda, através desse entrecruzamento, as identidades e as ações das personagens, em um movimento de avanços e retrocessos que confundem a representação das duas categorias em muitos momentos.

Nas palavras de Carpeaux (2008, p. 2.703), o espaço ficcional de William Faulkner é completo e fechado “como o inferno dantesco”. Além disso, o conjunto da obra do estadunidense dialoga com a tradição literária do Sul dos Estados Unidos, com interfaces estéticas vinculadas à prosa gótica inglesa, descrevendo “uma sociedade fechada, resguardada pelo preconceito racial e religioso (ética protestante e escravidão), e cujo enclausuramento doentio se faz sentir na presença constante dos espaços fechados e/ou sufocantes, que tendem

à ‘degeneração’” (Vidal, 2002, p. 160). Os textos incorporam descrições da arquitetura dos ambientes onde os fatos se dão, todavia, demarcando as contravenções da resistência à acomodação das vidas nesse contexto social, um descompasso mortificante entre ser e espaço.

Já o espaço ficcional de Francisco Dantas apresenta uma estreita relação com o chão regional, pois na sua literatura “vê-se a mão da desigualdade social estrangular os pobres desvalidos que compõem o Sergipe imaginado [...] os pobres encontravam-se à mercê desses algozes cruéis, tendo seus sofrimentos potencializados pela seca e o abandono estatal” (Luchetti, 2021, p. 117). Essa configuração estética traz as marcas do espaço familiar agônico, que pulsa como metáfora do espaço, no qual ocorrem inúmeros entraves, sobretudo, de ordem econômica. Tal tessitura literária é alicerçada por contextos decadentes em que o espaço narrado é travessado por cortejos fúnebres, enquanto suas personagens agônicas se descrevem devastadas pelas ruínas que os cercam.

A partir dessas considerações iniciais, aprofundaremos nossas reflexões sobre a relação das personagens com o espaço ficcional agônico no tópico a seguir.

Horizontes do espaço literário agônico

Partimos da concepção de que o espaço narrativo vai além de um ambiente figurativo, visto que convoca uma função de sentido por ser uma construção artística. Ademais, espaços ficcionais são atravessados pelas subjetividades dos seus habitantes, demarcando uma conotação do espaço narrativo como partícipe atuante da exegese. Para Foucault, estamos em uma “época do espaço”: de simultaneidade, de justaposição, do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso, já que os “conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desenrolam entre os devotos descendentes do tempo e os aferrados habitantes do espaço (2009, p. 411). Por essa perspectiva, os espaços narrativos podem ser lidos como ícones da modernidade. Ou seja, habitar um determinado espaço ficcional se reporta a uma conjuntura de sentido amplo, do capital financeiro ao simbólico das personagens, daí o ânimo de apreender os sentidos do espaço nas obras em estudo.

Em virtude do investimento estético expansivo subjacente à elaboração desse elemento narrativo, os espaços literários podem ser divididos em categorias, conforme suas interferências na ação das personagens, em macroespaço e microespaço. Os macroespaços são os espaços grandes e abertos: “A esses espaços maiores, polarizados em regiões ou países, podemos chamar de macroespaços” (Borges Filho, 2007, p. 46); o microespaço é um espaço menor, com conotação intimista, ocupado por um número restrito de pessoas: “Detectada a presença do macroespaço, cumpre verificar os microespaços que o compõem” (Borges Filho, 2007, p. 47). Na ficção de Faulkner e de Dantas, observamos uma tensão complementar entre os microespaços e os macroespaços, que são atravessados pelo sentido de desestabilização emocional provocado pelo vínculo das personagens a espaços físicos e psicológicos, os quais descrevem uma dinâmica social de segregação.

Em espaços decadentes, como os narrados por Faulkner e por Dantas, as figuras humanas são constituídas por identidades de incertezas e de sofrimentos, a ambientação do espaço parece ser contaminada pela subjetividade desses sujeitos, ou melhor, pelo “estado de espírito” das personagens. Isso porque o sentimento de repulsão ou atração afetiva do ser humano com um dado lugar é algo intrínseco. O “ambiente como a soma de cenário ou

natureza mais a impregnação de um clima psicológico favorece a simbiose entre habitantes e lugares” (Borges Filho, 2007, p. 50).

A esse laço entre mundo e ser, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan denomina topofilia. Para ele, topofilia “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (1980, p. 5). Tuan também esclarece que “a topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade” (1980, p. 107), ou seja, o elo afetivo depende da visão de mundo de cada ser, uma singularidade inerente a cada indivíduo. Duas pessoas, mesmo convivendo no mesmo espaço, não enxergam a mesma realidade. A “percepção” de cada sujeito, resposta dos sentidos aos “estímulos externos”, é sempre particular, pessoal. A subjetividade de cada ser, portanto, é construída a partir das variantes pessoais e culturais, bem como segundo os horizontes de expectativas de cada um.

Essa compreensão teórica nos remete ao conceito de topoanálise para definir “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (Bachelard, 1989, p. 28). A topoanálise “não se restringe a análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural, seja natural” (Borges Filho, 2008, p. 1). Acreditamos que, na composição literária, conforme as pontuações acima, o espaço interage com as personagens que nele transitam, visto que favorece a reflexão dos fatos que circundam a vivência humana e compartilha seus momentos de êxito e ou crises.

Algumas vezes, a conexão dessa vivência se reduz à tentativa de sobrevivência/permanência em situações limites por personagens que se apegam a lugares que correspondem a espaços afetivos. Segundo Dardel, “a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (2015, p. 6). À vista disso, compreendemos que o discurso da personagem e sua motivação ou desmotivação para agir são estimuladas pela relação direta com a realidade circundante, com os arranjos estruturais da geografia do espaço em que está inserida. Por conseguinte, os espaços habitados adquirem as feições simbólicas de seus residentes.

Posto isso, o espaço literário, ao provocar as ações das personagens, faz-se partícipe atuante na trajetória dos sujeitos ficcionais, impulsionando ou limitando as peripécias vividas por elas. Tal proposição dialoga com o que ensina Osman Lins (1976, p. 65) ao destacar que “a narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios enlaçam-se entre si e cada um reflete inúmeros outros”. Existe uma teia que une os elementos estéticos e, no caso específico do espaço, amplia os horizontes de representação e de interpretação hermenêutica. O ensaísta pernambucano ainda adverte: “Temos, pois, para entender o espaço na obra de ficção, que desfigurá-lo um pouco, isolando-o dentro de limites arbitrários” (Lins, 1976, p. 69). Uma arbitrariedade construída dentro da estrutura textual, na qual a representação e a focalização desse espaço dialogam, principalmente, com a arquitetura da trama e com a linguagem empregada para representá-la.

No tocante ao que denominamos de espaço agônico, usamos essa categoria em diferentes perspectivas. Entre elas, esse conceito está associado à construção da personagem enquanto espaço de sofrimento, aflição, perturbação, ansiedade e declínio de suas ações devido às adversidades enfrentadas. Situações nas quais as expectativas desses indivíduos/corpos/espaços são subjugadas à dor, à opressão, à injustiça e atravessadas por uma agonia mórbida e subentendida. Ou seja, a personagem é constituída de um espaço interior cativo

das mais diversas conjunturas como dívidas das relações sociais, políticas e econômicas. Isto é, ela está presa ao modo como é/está no mundo.

Assim, o espaço agônico, aqui proposto, é o espaço do ser em si mesmo, como espaço de agonia. A categoria que criamos entende que o espaço agônico, físico-geográfico-humano, é decorrente de uma intrincada teia de relações sociais das quais as personagens se confundem com os espaços narrados em muitos casos. Tal construção estética presente nas obras de Faulkner e de Dantas restringe as fronteiras entre personagens e espaço e vice-versa. Outrossim, constrói uma labiríntica conexão de pertencimento entre um e outro. Uma agonia que se dissipa em tríade através da inconsistência problemática entre sujeito e espaço, sujeito e tempo e o sujeito consigo mesmo. Um referente no qual as tensões entre *modus vivendi* e normas sociais são irreconciliáveis, destoando em um *modus operandi* trágico para as partes em disputa. O espaço agônico, portanto, é definido como locativo de desassossego, inconformismo e desidentificação do indivíduo que se perde “no” e “como” espaço do devir, um de-vir sempre inconclusivo.

Especificamente em relação às personagens, destacamos a possibilidade de serem lidas como espaço agônico, quando consideradas espaços corporificados e assolados pelas incertezas e inconstâncias de suas vidas. Aflições que jogam com seus corpos e mentes num constante processo de agonia. Tal perfil, em nossa leitura, constitui a especificidade pulsante dos espaços míticos criados por Faulkner e Dantas. Por exemplo, os referentes locativos representados na ficção faulkneriana destacam as particularidades dos efeitos das crises social, racial e econômica estadunidense. Esses percalços originados dos espaços sociais também podem ser identificados na ficção de Dantas, que faz parte de uma tradição regionalista no Brasil, e está voltada, assim como em Faulkner, à descrição das agruras de famílias decadentes.

Otto Maria Carpeaux (2008) afirma que Faulkner criou um *private world*, muito particular, um lugar que corresponde à natureza complexa de suas personagens e aos turbilhões sociais que acometeram sua terra de origem. Para o jornalista Luiz Rebinski, os romances dantinos “apostam em uma prosa fincada no Brasil profundo, de onde também vieram livros de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos” (2020, n. p.). Portanto, estamos diante de narradores que nos espantam ao descreverem longas travessias de tormento por que passam suas personagens que ora agonizam, ora se recompõem em busca de uma sobrevivência.

Para melhor compreensão a respeito das vicissitudes do espaço agônico tecido por Faulkner e retomado por Dantas, analisaremos, a seguir, como a opressão social se confunde com as experiências de abandono, de rejeição e de solidão dos corpos/espaços humanos.

Cruzando espaços de agonia

No debate comparativo, optamos pela análise das personagens femininas protagonistas de *Enquanto agonizo* e de *Uma jornada como tantas*. Iniciamos nosso trajeto analítico pelo universo literário do sul dos Estados Unidos. Faulkner, em *Enquanto agonizo*, apresenta uma narrativa intimista que expõe os sentimentos mais intrínsecos de cada membro da família Bundren, anseios que são revelados durante a viagem em que o corpo da matriarca Addie é conduzido em uma carroça de mulas até o cemitério de Jefferson. Uma missão difícil, mas que fora prometida no leito de morte e deve ser cumprida por Anse e seus cinco filhos. Dewey Dell relembra ao pai: “O senhor prometeu para ela’ [...] ‘Ela não morreu até que o senhor tivesse

prometido. Ela pensou que pudesse contar com o senhor. Se não cumprir a promessa, vai ser amaldiçoado” (Faulkner, 2019, p. 94).

No enredo, quinze vozes narrativas, através de monólogos divididos em cinquenta e nove capítulos, confessam, sob um tom egoísta e solitário, ambições particulares que cada um leva como bagagem no percurso do enterro. Desejos que não correspondem ao contexto coletivo de que fazem parte: uma família. São sonhos individuais que configuram a falência do sistema patriarcal, do sistema social e familiar tradicional. Os Bundrens vivem em um mundo agônico que, no romance, está projetado nos macro e microespaço onde as personagens se alojam: o campo de algodão; o estábulo; o caixão; a carroça; a casa; o condado de Yoknapatawpha; a cidade de Jefferson; os seus corpos. Tais espaços correspondem a vicissitudes metafóricas distintas, porém interligadas. Esse território espacial – geográfico e humano – criado por Faulkner, situado na região fictícia do Noroeste do estado do Mississippi, é conhecido como *Deep South*, um espaço agrário e arcaico, espaço que origina a tríade complexa que circunda a vivência de cada ser faulkneriano: o conflito do indivíduo consigo mesmo, com os outros com os quais convive e com o lugar onde habita.

No romance é a técnica do fluxo de consciência que nos conduz à secura dos sentimentos, à decadência da morte em vida que pulsa de forma dolorosa e agônica sobre as personagens. Para Leila Barros, nos monólogos dos vizinhos e desconhecidos, temos “a oportunidade de conhecer os Bundrens através de uma perspectiva que toma a família como objeto e a apresenta de maneira mais panorâmica e distanciada, mas nem por isso menos trágica” (2019, p. 54). Nesse sentido, confirma-se o tom lúgubre e trágico que envolve a trama, anunciada já no título da obra, o qual corresponde ao pensamento de Addie Bundren, doente terminal, que agoniza atormentada, talvez, pelos embates travados contra o dispositivo sociocultural no qual fora impostamente alocada, como também é certificada por aqueles com os quais a família convive.

Durante o percurso de nove dias da jornada, conduzindo o corpo da matriarca até o cemitério de Jefferson, a ambientação: enchente e acidentes que ocorrem durante o trajeto, contribui para a conjuntura psicológica agônica de cada um dos membros da família. Um núcleo familiar signo de segregação e de laços afetivos fragmentados. Cash, Darl, Jewel, Dewey Dell e Vardaman vivem em um contexto subjetivo de silenciamento, suas dores e desejos não são compartilhados; logo, cada um dos filhos não se sente acolhido no espaço familiar.

Esse deslocamento espacial afetivo ganha um efeito maior por ser descrito por uma focalização múltipla, nomeada por Todorov de estereoscópica, isto é, uma visão na qual diferentes personagens/narradores, em um mesmo período de tempo, “contam (ou veem) o mesmo acontecimento, sem que um narrador específico detenha o ponto de vista predominante” (1972, p. 238). Nesse investimento criativo, os espaços que se configuram a partir das percepções das diferentes personagens ganham contornos distintos, o que contribui para a ampliação de significados e funções dos lugares por onde transitam.

Em *Enquanto agonizo*, o espaço agônico pode ser identificado também pelos silenciosos gritos de Anse, reclamando da localização da casa: “Maldita estrada [...] Deitada aí, bem na minha porta, por onde toda má sorte vem e passa” (Faulkner, 2019, p. 34). Esse monólogo adverte sobre sua angústia e desconforto em relação ao lugar onde mora, na beira da estrada, um lugar que, teoricamente, não garante estabilidade, pois é de trânsito contínuo. Um lugar sujeito a muitas interferências externas e a situações instáveis. O questionamento contra

o lugar onde mora ainda revela a incompatibilidade entre o esposo e a mulher: “Eu disse a Addie que não era bom morar assim tão perto de uma estrada, e ela disse, como mulher que é ‘Então levanta e vai embora’” (Faulkner, 2019, p. 34). Por sofrer e não se sentir integrada ao lugar onde vive, Addie aprova morar à beira da estrada. Ela desejava seguir outros caminhos, outra vida e nada melhor que residir próximo a estrada que poderia levá-la a outros espaços, a uma vida na qual pudesse viver segundo os seus desejos mais íntimos, conforme o seu intimismo fundido em uma grotesca solidão. A condição de esposa, de mãe e, sobretudo, a vivência em um povoado atrasado, faziam da personagem metáfora da morte em vida. Uma vivência atormentada por perdas contínuas, sobretudo a perda das referências de si mesma. Um aspecto de zumbificação que remete, no caso específico de William Faulkner, à tradição da literatura gótica estadunidense.

Nessa obra, observamos que a censura aos sonhos da protagonista projeta “a aliança entre fragmentação, o sentimento de ansiedade/medo e a autopercepção do personagem em relação ao seu aprisionamento a um cenário claustrofóbico” (Sáber, 2021, p. 63). Por essa perspectiva, o cortejo de Addie pode ser visto como um encontro de mortos vivos, já que “a morte é, contraditoriamente, gênese de *Enquanto agonizo*, e não mera obsessão temática, como diriam as primeiras leituras do romance. Ela se coloca como, simultaneamente, ausência e presença, palavra e ação” (Barros, 2019, p. 75). A morte é metáfora das frustrações, das perdas e do insucesso que todos os Bundrens conviveram ao longo de toda a existência, desventuras no *locus* familiar e no social.

Addie é a que mais havia sofrido ao conviver com a alteridade do esposo, dos filhos e do lugar onde fora residir após o casamento: “Ela, uma mulher sozinha, viveu sozinha com o próprio orgulho, tentando fazer com que os outros pensassem diferente” (Faulkner, 2019, p. 24). O desconforto de Addie em morar na região mais atrasada do condado é pulsante. Além da incompatibilidade de pensamento e ações entre ela, o esposo e quatro dos cinco filhos do casal, a matriarca vivia sob a égide da angústia, da incompreensão, especificamente, da incompreensão nutrida por si mesma pelo seu sentimento de alteridade/superioridade por ter nascido em um outro espaço – a cidade de Jefferson – seu espaço de afetividade e de reconhecimento identitário onde fora professora e buscava uma vida de atuação mais ativa na comunidade. Tais impulsos não tiveram sobrevida no contexto do vilarejo onde fora viver depois da união com Anse devido ao baixo poder aquisitivo da família, fruto do momento histórico de rejeição ao novo e apego à herança escravocrata que regiam a mentalidade sulista, bem como ao comportamento apático do marido para enfrentar essa conjuntura, pois estava resignado à situação.

Assim, Addie conviveu durante toda a vida com a certeza de que “viver era terrível”. No breve espaço concedido à sua voz, ela reflete: “eu só lembrava como meu pai costumava dizer que a razão para viver era se preparar para estar morto durante muito tempo” (Faulkner, 2019, p. 142). A personagem carregava consigo a herança agônica do viver sob a égide/sombra da morte. A premissa religiosa do Sul afirmava que a felicidade só é alcançada após a morte: a vida infinita depois da morte do corpo, no silêncio eterno. Essa protagonista passou toda a vida à espera desse momento de silêncio, por isso, a resignação à enfermidade e ao desejo silencioso de fenecer fisicamente: “Addie encontra-se, finalmente, pronta para entregar-se à morte e, sobretudo, se tornar ser-para-morte” (Barros, 2019, p. 133), escapando das dores da vida, escapando de padrões sociais opressores.

No entendimento de Addie, o matrimônio com Anse e, depois, a maternidade foram instrumentos de violação à sua natureza privada e solitária. Uma infração à sua individualidade, que a personagem transformou em desprezo, indiferença e até mesmo ódio pelo marido, logo após descobrir que estava grávida e, depois, pelos filhos. Foram sentimentos que nutriram a sua amargurada vivência a cada ano que nascia mais um filho, a cada ano que ficava mais pobre, a cada ano de duração de seu casamento: “Era como se ele [Anse] tivesse me enganado, escondido numa palavra como em um biombo de papel e me golpeado pelas costas” (Faulkner, 2019, p. 145). Addie tinha pavor às regulações a que uma mulher-mãe estava submetida em uma relação de matrimônio, bem como às restrições que o contrato social do casamento impunha a cada mulher.

Darl, segundo filho de Addie, considerado pela mãe como a raiz invasora de sua solidão, foi o que mais sofreu com o desprezo parental e deu continuidade ao espaço psicológico de introspecção aguda e de desajuste em diferentes perspectivas: enquanto sujeito, enquanto integrante do espaço familiar, enquanto habitante do espaço social do Mississippi. Tal entendimento de desajuste diante da vida foi mais severo em Darl devido à incompreensão de sua forma complexa e sensitiva de enxergar as pessoas, bem como de compreender o mundo que o cercava. Conforme Silva e Silva (2020, p. 112), “Darl se entrega a especulações metafísicas sobre a morte, o ser e o não ser, a natureza dos objetos, dispondo seu enunciado em uma sintaxe labiríntica, em períodos que instauram uma atmosfera de delírio e desagregação mental, típica das personagens faulknerianas”.

A complexidade identitária de Darl se reverbera sobre a compreensão de todos os outros integrantes da família. Em comum, os Bundrens são regidos pelo sentimento de inadequação no espaço social, desidentificação que gera desconforto e agonia consigo mesmo e com o espaço onde vivem: “Cash, Darl, Jewel, Dewey Dell e Vardaman, poderíamos dizer, deixam Jefferson como mortos-vivos para quem a vida, quando não se desdobra em tragédia, toma a forma, pelo menos, de um pungente desconforto” (Barros, 2019, p. 116), no qual se experencia uma angústia interminável.

O espaço agônico pulsante está presente no trajeto que a família Bundren faz pela longa estrada lamacenta em que cada membro passa a limpo os acontecimentos recentes, bem como as frustrações de suas existências; a configuração espacial – a longa estrada, a chuva, a morosidade da carroça que os transporta – favorece a reflexão dos viajantes; contudo, não os une. Esse aspecto do romance é muito intrigante, visto que as ações/reflexões particulares de cada membro geram impacto negativo para todo o núcleo familiar. Na verdade, esta ambientação favorece o sentimento de desterro e agonia, o espaço interfere de modo incisivo na construção subjetiva de cada membro. A respeito dessa ambientação agônica, Darl deixa pistas do quanto o espaço percorrido se confunde com suas frustrações:

Diante de nós a escura e espessa corrente passa. Ela fala conosco num murmúrio que se torna incessante e incontável, a superfície amarela monstruosamente ondulada em redemoinhos que desvanecem [...] sobre um cenário de imensa mas circunscrita desolação tomado pela voz da devasta e fúnebre água (Faulkner, 2019, p. 118).

O ambiente, dessa forma, torna-se matéria de construção identitária das personagens. A estrada lamacenta e a chuva se apresentam como personagens antagonistas dos indi-

víduos que viajam com o objetivo de devolver a matriarca à sua terra natal, ao lugar onde ela desejava ser sepultada, espaço onde estavam seus ascendentes; sendo esta forma de reiterar o seu despertencimento ao espaço geográfico, social e familiar onde tivera a confirmação de sua morte em vida: o condado de Yoknapatawpha. Essa volta a seu espaço é também uma forma de ela protestar contra os vínculos com o vilarejo e com os seus descendentes.

Addie residia em um espaço onde nunca se sentiu integrada. Esta construção em desacordo entre ser e espaço projeta a vivência para um espaço heterotópico, visto que ela sempre se projetava fora do contexto familiar. O conceito de heterotopia é abrangente e diz respeito a algumas situações subjacentes à relação dos indivíduos com o espaço em que estão inseridos. Para este artigo, identificamos a heterotopia como

espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2009, p. 415).

Assim como Addie, as personagens de Faulkner vivem suas heterotopias, como a protagonista que nunca se identificou com o espaço/lugar onde vivia e, além disso, optou pela morte em oposição ao contexto opressor, segundo sua subjetividade, ocasionado pelo marido, outrossim, advindo das imposições da cultura local. A volta de Addie para sua terra natal reforça a necessidade de deixar para trás as agônicas relações que compartilhou com sua família.

Tais projeções de fuga de contextos agônicos também são identificadas na ficção de Dantas, sobretudo, em *Uma jornada como tantas*, como veremos na sequência.

A jornada agônica

Passemos a identificar as peculiaridades do espaço agônico na obra de Francisco Dantas, dialogando com as técnicas narrativas de Faulkner. Segundo Samoyault (2008), o diálogo entre obras reconhece que a literatura é também exercício de retomada de temas já vistos, porém sem nunca retornar ao mesmo lugar. Por esse prisma, consideramos a conexão intertextual como uma estratégia de leitura de expansão dos sentidos dos textos. Para Compagnon (1996), a intertextualidade nos ajuda a construir chaves de leitura, já que o ato de ler nos remete, direta ou indiretamente, a outros textos lidos antes.

Partindo dessas concepções comparatistas, reconhecemos que em comum com a obra de Faulkner, *Uma jornada como tantas* (2019), de Francisco Dantas, traz uma sólida relação entre personagens e vida social, bem como amplia os sentidos estéticos do espaço agônico. Nessa obra, narrada através do solilóquio do narrador-personagem Valdomiro, filho adotivo de Madrinha e Teodoro, somos posicionados diante de terríveis adversidades que ocorrem na vida da família Carpina. A narrativa é contextualizada na segunda metade do século XX, entre 1950 e 1990 e descreve, no relevo social, a transição de uma economia agrária para uma vida urbana ainda precária no interior do estado de Sergipe.

O ponto central da obra é a jornada de dor e desalento vivida por Madrinha, que há dias luta para dar à luz ao seu quarto filho, e pelas demais personagens que são responsáveis por transportar o corpo gestante agonizando sobre um carro de bois de Borda da Mata

até Rio-das-Paridas. No trajeto está o menino Valdomiro, encarregado de cumprir uma promessa feita a Teodoro para cuidar de Madrinha; a parteira sinhá Amália, que há mais de 50 horas tenta fazer o parto; Zé Carreiro, o condutor do carro de boi; e o velho Saturnino, pai de Madrinha; comitiva que acompanha a gestante na viagem de agonia, na qual cada um tem seus objetivos frustrados. Essa primeira pista já nos remete ao texto de Faulkner, o cortejo de uma morta-viva. Instalada a intertextualidade, vamos percorrer os sinistros caminhos agônicos vivenciados pelas personagens dantinas.

Antes do final trágico do acidente de Madrinha no último mês de gestação; o casal, Teodoro e Madrinha, construiu um modo de vida conjugal que se configurava como um ato de resistência às normas instituídas. A representação de uma personagem feminina “despachada e bastante resolvida”, e de um homem que “jamais declinara da patente de marido amoroso” (Dantas, 2019, p. 33-34), salienta um movimento crítico de suspensão da hierarquia patriarcal, visto que Madrinha é uma personagem que se projeta coerente às suas ideias, indo de encontro às normas locais sedimentadas no seu contexto social. Segundo o narrador, “Como pedagoga, lecionara dois anos na Escola Municipal Canuto Reis. Mas, como não pudera conviver com a situação política, saíra pisando duro, de pescoço erguido” (Dantas, 2019, p. 23). Madrinha nunca se submeteu às regulações impostas pelo pai, muito menos pelo sistema político que coibia com crueldade as pessoas que buscassem modos de vida na contramão do padrão sociocultural estabelecido em Borda da Mata.

Contudo, a morte de Madrinha e a prisão de Teodoro materializam um final implicado aos espaços coletivos opressores, que os condicionam a seres agônicos. No cortejo do corpo que carregava uma criança entalada em seu ventre, a opressão vai sendo descrita pelo narrador: “O ambiente está contaminado [...] por nosso individualismo miserável. [...] Salta daí uma imposição imperativa e dominante. Dá o tom das circunstâncias sombrias” (Dantas, 2019, p. 215). Circunstância que transmite o sentimento de resignação à tragicidade inerente ao cotidiano/destino das personagens, expressando a proximidade entre vida e morte. A respeito da condição de mulher em gestação, caso de Madrinha, em Borda da Mata, todas as mães “sabiam, sim, da linha delgada que se interpõe entre a vida e a morte. Isso, sim, elas sabiam” (Dantas, 2019, p. 9), tratava-se de um lugar abandonado pelo poder público: “um lugarzinho ordinário e atrasado” (Dantas, 2019, p. 9), que limitava as ações naturais como a de uma mulher dar à luz em condições seguras.

Diante dessa contextualização inicial, percebe-se que, não há um limite temporal para a situação de controle e restrição das configurações da vida dos habitantes que vivem na região do Rio-das-Paridas. O espaço sombrio pulsa em todas as direções, tanto no presente como no passado. O narrador ratifica esta leitura: “A lembrança do tempo de nuvens cinzentas, que embaciavam e contraíam o horizonte, reatualiza e inflama as minhas recordações. Converte-se em metáfora sombria” (Dantas, 2019, p. 7). Um desalento do tempo de outrora, no entanto que ainda reluz no presente, demarcando uma vida atravessada pela dor e pela angústia.

Assim como no texto de Faulkner, esse enredo de Dantas nos coloca em uma travessia agônica. Madrinha é levada debaixo de um temporal, desfazendo-se em sangue com um feto atravessado em seu útero. Além disso, os participantes que conduzem a parturiente ao socorro médico fazem reflexões sobre conjunturas de desalento: a finitude da vida, a injustiça que arranca a vida de uma mãe.

Essa contextualização de um problema trágico e corriqueiro reforça o compromisso social da obra de Dantas, que explora o espaço local para falar sobre a mortalidade materna e infantil, um grave problema de saúde pública que ainda perdura em alguns lugares do Brasil. Esse tipo de representação espacial, segundo Brandão, “é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas segundo balizas mais ou menos deterministas” (2007, p. 208). Determinismo que diz respeito também às ações políticas de cada lugar. A longa perambulação do grupo em busca de socorro, saindo de Borda da Mata para Rio-das-Paridas e, depois, seguindo para a capital Aracaju, representa uma odisseia de dor e de reflexões sob o prenúncio da morte certa: “Ali na Borda da Mata, lugarzinho ordinário e atrasado, tantas eram as vítimas ao dar à luz, que morrer de parto se convertera num acidente banal” (Dantas, 2019, p. 9). A banalidade com que as personagens aceitam o “acidente” da morte de parturientes confirma a assertiva que descreve Borda da Mata como um “lugarzinho ordinário e atrasado”, um espaço que pode ser lido como metáfora de muitos outros espaços do nosso país e/ou do mundo.

Nessa perspectiva, o romance tece conexões entre o espaço social (ordinário e atrasado), o espaço cultural (a vida lhes ensinara que não costumavam durar) e o espaço psicológico das personagens (resignadas com o ditame do destino). Concatenação que destaca o poder/determinismo/protagonismo do referente espacial no romance, bem como evidencia o projeto estético dantino de agrupar conjunturas espaciais distintas (espaço social, cultural e psicológico) atravessados entre si. Tal destreza da arquitetura textual, no tocante ao atravessamento dos tipos/funções espaciais, denota o papel de significância do espaço literário na obra desse escritor. Dantas investe no desvelamento das sensações das personagens diante de um espaço opressor multifacetado em distintas formas de opressão que subjugam os moradores.

Essa tipologia de ambientação, de acordo com Brandão e Oliveira, “surge a partir da criação de atmosferas densas e conflituosas, projetadas sobre o comportamento, também ele frequentemente conturbado, das personagens” (2019, p. 80-81). Por valorizar o espaço psicológico como um desdobrando do espaço social constatamos que a obra de Dantas cria um microcosmo de condições históricas e sociais devastadoras, no qual “é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes, as coisas e o comportamento” (Brandão; Oliveira, 2019, p. 79).

Cabe destacar que a questão ontológica, base estruturante da cosmovisão de Francisco Dantas, sedimenta a força poética das perdas e das frustrações humanas, como se constata na descrição da viagem em busca de um médico que possa salvar Madrinha de suas dores: “Prosseguimos lentamente. O percurso é penoso e se desenrola inalterável, sempre pontuado pelas penosas invocações da Madrinha que vão se tornando – pra que negar? – um refrão enjoativo: as mais dilaceradas nos alcançam” (Dantas, 2019, p. 102). Há um desconforto penoso dos que acompanham a viagem de Madrinha, todos se abatem ao mesmo tempo em que se entregam à sina de desolação. Como visto, em *Enquanto agonizo* (2019), os Bundrens também passam por situação semelhante enquanto conduzem o corpo de Addie até a cidade de Jefferson: “Vamos em frente, com um movimento tão enfadonho, tão sonolento que parece que nem prosseguimos, como se o tempo e não o espaço diminuísse entre nós e o cavalo” (Faulkner, 2019, p. 89).

Desse movimento enfadonho e catastrófico, destacamos a tragicidade intrínseca às mulheres que ousam procriar em Borda da Mata ou nos arredores de Rio-das-Paridas – fina

ironia disposta no nome do lugarejo: “Rio-das-Paridas” – substantivo composto pela palavra rio que apresenta em sua gênese simbólica atributos de veneração e medo, como também de fertilidade e de morte. Ao estabelecer uma analogia do conceito simbólico com o ocorrido a todos os viajantes que resolveram atravessar Rio-das-Paridas, com suas águas “paridas”, entendemos que a travessia fora um percurso de dores isoladas, concatenadas às do corpo de Madrinha. Contudo, foram agravadas pelo contexto político local representado pelo prefeito Canuto, em razão de que ele conseguiu vingar-se de todos que agonizavam em busca de ajuda, porque os Carpinas não tinham se aliado ao seu partido nas eleições da cidade.

A representação da cidade de Rio-das-Paridas, desse modo, pode ser lida pelo prisma da ambiguidade, visto que, ali, Madrinha poderia ter sido salva. Nesse caso, o espaço seria um local de salvação; contudo, os fatos do lugar condenam Rio-das-Paridas à metáfora de “Rio-da-Morte”, em virtude da morte de Madrinha e da morte em vida de todos que viajaram em busca da salvação da mãe e do filho, entretanto, falharam. A morte física de Madrinha e do filho produz a morte em vida do homem que fica viúvo, amedrontado com a paternidade e ainda desmantela a vida dos três filhos, que crescerão órfãos e com a estrutura psicológica abalada pela perda da mãe ainda na infância; o desamparo do pai que perde sua única filha; a cidade perde a mulher/professora atuante na comunidade. Desse modo, um desamparo coletivo povoa o espaço narrativo de *Uma jornada como tantas* que, sob o sugestivo título, remete à sina que persiste em minuar as expectativas dos residentes de lugarejos como Borba da Mata e Rio-das-Paridas: uma agonia como tantas. “Nesse senão aquelas criaturas estavam relegadas à condição de bichos, desamparadas em todos os sentidos” (Dantas, 2019, p. 8). Assim, o romance destaca uma narrativa em que os residentes dos espaços se sentem desterritorializados em seu próprio chão-lar.

Vale lembrar que essa luta/conflito em busca de um lugar no mundo é muito comum aos romances de tradição regionalista, quando destacam as estruturas geográficas e políticas que molduram as desgraças coletivas do povo de uma região como ressalta o narrador Valdomiro: “Estávamos excluídos de um padrão de vida mais civilizado, que se regesse por uma ordem cidadã. Afinal, maternidades já haviam sido implantadas em algumas cidades de nosso Sergipe, mas eram praticamente inacessíveis às mulheres de nosso povoado” (Dantas, 2019, p. 8).

Nas observações do narrador, reconhecemos o espaço devastador que ceifa a vida de seus moradores, viajantes tomados pelo desânimo que acompanha o longo cortejo de agonia pela estrada de terra – onde a vegetação das margens se renova, floresce e exala o cheiro de vida nova devido à forte chuva que cai durante todo o trajeto. Um cenário avesso à conjuntura psicológica daquela comitiva desesperançosa: “As capineiras abertas e intermináveis se somam à vagareza e contribuem para a monotonia que me abate o ânimo, para uma desolação sem esperança” (Dantas, 2019, p. 129-130). A desolação que a amplitude dos pastos provoca está relacionado ao sentido de desterritorialização das personagens.

De acordo com Borges Filho (2007), quando há uma divergência entre a atmosfera psicológica da personagem e o espaço onde ela está ou habita ocorre uma relação topofóbica. Estabelece-se uma relação de teor negativo ou de indiferença como são reveladas em diferentes passagens: “os elementos naturais que nos cercam não passam de uma moldura. Não alteram o nosso ânimo” (Dantas, 2019, p. 153). Nesse sentido, o espaço não acolhe os viajantes, nem a dor pulsante que cada um traz em si, tampouco ameniza o esvaimento das forças de Madrinha. O cenário, nesse caso, desperta um sentimento de “vagareza” e “monotonia”,

destoando da ânsia de celeridade que a ocasião exige. Logo, a representação do inverno na conjuntura natural não está em sintonia com a “desolação sem esperança” que abate as personagens. A chuva que é índice de vida, alimento essencial para a humanidade, sobretudo, para o homem rural; durante o cortejo de Madrinha, é signo de sombra, de dor e de morte, quase uma forma de castigo misterioso àquela família, visto que a chuva não cessa, atrasa e dificulta a viagem.

Nesse caso, a chuva não é elemento positivo como o Cristianismo costuma representar e a paisagem dos pastos verdes da estrada são signos de desolação. A chuva, nessa jornada, é um empecilho a mais, em face de que, no inverno “o sombreado das árvores retém a umidade, atrai e abriga toda venciência de insetos [...] Um inferno! Arrepi-me a nuvem de inseto circulando a dois ou três palmos, audíveis, da face descorada e indefesa da Madrinha” (Dantas, 2019, p. 141). Osman Lins define o cenário de subjetividade complexa entre ambiente e ser de ambientação dissimulada ou oblíqua, que denota “um enlace entre espaço e ação” (1976, p. 83). Na ficção de Dantas não é diferente, esse entrançamento entre os dois elementos influencia nas atitudes, nos pensamentos, nas emoções e na visão de mundo dos sujeitos que ocupam tal contexto ensombrado.

Esse empreendimento estético usado pelo escritor sergipano reforça sua estratégia de criação: a conexão entre o espaço e os sentimentos das personagens, ressaltando um paradoxo de pertencimento e despertencimento que, frequentemente, ocasiona uma “dupla morte: do sujeito nos lugares e dos lugares no sujeito” (Brandão; Oliveira, 2019, p. 84). Tal condição é constatada pela percepção de despertencimento de Valdomiro diante dos espaços por ele habitados:

Pois bem, depois de deixar o meu chão de nascerça com a sensação de desterro, de que era uma ida sem volta, como de fato tem sido, cáí nesse mundo de meu Deus, me deparei com experiências que não condiziam com a minha natureza, e nas quais figurava como um peixinho se debatendo fora d'água (Dantas, 2019, p. 177).

Há, nesse relato, um conflito da personagem tanto com o espaço onde nascera quanto com os espaços onde transitou ou viveu. Essa configuração complexa de ambiguidade (acolhimento-desterritorialização) entre o ser e o espaço por ele ocupado se estende a todas as personagens do romance. Dessa forma, constatamos um traço de desidentificação entre ser e espaço em *Uma jornada como tantas* que dialoga com a história também de agonia e morte de Addie Bundren, de *Enquanto agonizo*, de Faulkner, como já destacado.

Assim, observamos que os temas da obra de Faulkner são atualizados por Dantas quando propõe um trajeto agônico contextualizado nas desigualdades sociais nordestinas. Esta sobreposição de textos nos proporciona novas chaves de leitura para a obra de Faulkner, que foi relida a partir das experiências de Dantas, reforçando a premissa da criação literária: a retomada de um texto para relê-lo a partir de outro, neste caso o contexto sergipano, usando o método da intertextualidade como “‘memória da literatura’, ‘biblioteca’ e ‘diálogo’” (Samoyault, 2008, p. 9).

Portanto, as diversas intertextualidades que podemos observar entre personagens e espaços agônicos ampliam os sentidos dos textos, sobretudo pela desterritorialização que prevalece para seus personagens. Esses espaços onde os indivíduos têm seus projetos censurados,

abortados pelos dispositivos de poder ao longo da vida. Tanto no condado de Yoknapatawpha como em Rio-das-Paridas não há trégua da opressão, seja no espaço restrito da família, seja no espaço social; a vigilância às tentativas de resistência às condutas patriarcais é contínua. Nessas obras, as vicissitudes agônicas pulsam como uma extensão da vida, e como fuga, restando apenas a construção de espaços heterotópicos, que se projetam subjetivamente a partir do cortejo fúnebre de onde todos pensam em partir em retirada para um lugar menos ostensivo que a realidade que os cerca, na qual até seus pensamentos os aprisionam. Todavia, sem muitas chances concretas, a condição circular do cortejo os espera e paira no ar uma contínua sensação agônica.

Considerações finais

O espaço agônico de Faulkner, presente em *Enquanto agonizo* pode ser relido pela contextualização sergipana de Francisco Dantas em *Uma jornada como tantas*. O tema da viagem de uma família com um corpo agonizando – um já morto, outro semimorto –, a complexa conjuntura psicológica das personagens, produto da ambientação e da estrutura social opressora do espaço onde esses indivíduos vivem, é um intertexto temático explícito, principalmente, o recurso dos dois corpos femininos agonizando, das duas figuras femininas centrais da conjuntura familiar dos Bundrens e dos Carpinas terem como desfecho a morte.

Outra aproximação são os detalhamentos das incertezas e frustrações que assolam a consciência das personagens das duas comitivas. O trajeto acontece por um espaço rural atrasado que não acolhe os viajantes devido à atmosfera do ambiente, às intempéries naturais enfrentadas – a longa estrada de terra, a chuva, os acidentes – aspectos que depõem a favor da enriquecedora intertextualidade entre as duas obras, que também está presente na criação de espaços ficcionais particularizados como as estradas do condado de Yoknapatawpha, de Faulkner, e as estradas entre Borda da Mata e o Rio-das-Paridas, em Dantas. Por tais estradas transitam corpos/espaços agônicos, frustrados pela negação do direito de viverem seus sonhos e pelos infortúnios causados às famílias via morte prematura das matriarcas.

Essa espacialidade da agonia e da solidão imprime o tom trágico às narrativas, nas quais os protagonistas masculinos se encontram isolados e dispersos nas amargas profundezas de si mesmos. As personagens femininas, por sua vez, têm as suas vidas narradas pelos demais personagens e não escapam do espaço de aflição proveniente de um contexto socio-cultural castrador que promove o silenciamento das mulheres.

Em Faulkner, a história da pobre família estadunidense em conflito com os seus parentes de sangue, com o contexto social e econômico do Sul dos Estados Unidos, pesa sobre todos os integrantes vivos e pesa, também, sobre o corpo putreficado que viaja no caixão. Em Dantas, a configuração estética pode ser relacionada à agonia de Madrinha, herdeira dos mandatários do sertão sergipano, que também perdiam espaço para a nova estrutura social que prosperou avassaladoramente na segunda metade do século XX.

Nas duas obras, o espaço funciona como trator sobre os espaços/mulheres e homens marginalizados socialmente. Os dois cortejos vão além da agonia das vítimas fatais, pois os que sobrevivem também estão absortos em suas próprias agonias. Em comum, os integrantes das famílias Bundren, de *Enquanto agonizo*, e Carpina, de *Uma jornada como tantas*, vivem sob a égide da heterotopia, como nos ensina Foucault (2009), pois tentam viver fora do terri-

tório opressor no qual habitam, todavia não têm sucesso, já que projetam iniciativas, muitas vezes, apenas em suas subjetividades agônicas.

Em comum, as personagens das duas obras se sentem sem pertencimento ao território social que habitam, visto que não se identificam com os corpos/espacos que lhes foram impostos por uma sociedade economicamente segregadora. Assim, podemos concluir que Dantas atualiza os espaços agônicos de Faulkner, que é habitado por mortos-vivos da decadente Mississippi, herdeiros do conservadorismo e das heranças escravocratas, ao construir personagens marginalizadas socialmente pelas tragédias pessoais e coletivas ditadas pela omissão do Estado e pelo atraso econômico do interior sergipano.

Referências

ANGELO, Ivan. Saga nordestina. *Revista Veja*. São Paulo: Abril Cultural. Edição 02 abr. 1997.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARROS, Leila de Almeida. *O tempo da morte: uma leitura filosófica de Enquanto agonizo*, de William Faulkner. Orientador: Alcides Cardoso dos Santos. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, São Paulo, 2019. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/5235.pdf. Acesso em: 30 abr. 2023.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, UFMG, v. 15, p. 206-221, jan.-jun, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18135>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRANDÃO, Luis Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria literária*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DANTAS, Francisco José Costa. *Uma jornada como tantas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

DARDEL, Eric. *O Homem e a terra*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FACIOLI, Valentim. Ecos regionalistas em equilíbrio instável. *Jornal da Tarde*, São Paulo, Seção Caderno de Sábado, p. 04, 05 abr. 1997.

FAULKNER, William. *Enquanto agonizo*. Tradução de Wladir Dupont. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manuel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LUCHETTI, Krishna. *Uma miríade de sensações: Francisco Dantas e a construção do espaço literário (1991-1997)*. Orientador: Magno Francisco de Jesus Santos. 205f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/47583/1/MiriadesensacoesFrancisco_Luchetti_2022.pdf. Acesso em: 06 ago. 2024.

PÓLVORA, Hélio. Soprar nas brasas da memória. *Jornal A Tarde*. Salvador: 31 maio 1997.

DANTAS, Francisco J. C. Um artesão à deriva. [Entrevista cedida a] Luiz Rebinski. *Rascunho: jornal de literatura do Brasil*, Curitiba, n. 239, março de 2020. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/um-artesao-a-deriva/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SÁBER, Rogério Lobo. *O gótico familiar de William Faulkner e Lúcio Cardoso: formas e dinâmica da opressão*. Orientador: Julio Cesar Jeha. 203f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34044/1/UFMG_Saber2020_RUFMG.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SILVA, Claudimar Pereira da; SILVA, Paulo César Andrade da. Darl Bundren: fulgurações do poético em *Enquanto agonizo*, de William Faulkner. *Revista Terceira Margem*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 24, n. 43, 2020. p. 107-125. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/30489>. Acesso em: 07 set. 2023.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: TODOROV, Tzvetan. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 209-254.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

VIDAL, Ariovaldo José. O romance de William Faulkner. *Revista USP*. São Paulo, n. 52, p. 159-170, dez/fev, 2001-2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33174/35912>. Acesso em: 13 ago. 2023.